

ADÉLIA BORGES

“O artesanato está vivo, em eterna transformação”



13

Quando a jornalista Adélia Borges aproximou-se do design, em meados dos anos 1980, o Brasil era visto apenas como um país promissor. De lá pra cá, junto com a estabilização da moeda, o crescimento sustentado da economia e a redescoberta do Brasil por brasileiros e estrangeiros, o design nacional amadureceu. Hoje, as principais revistas especializadas no tema veem o Brasil como um país capaz de oferecer ao mundo o frescor de novas ideias. Nesse contexto, o artesanato possui um papel importante. Talvez seja a manifestação mais concreta de nossa diversidade cultural. Por onde quer que se ande, ele marca presença. “Coisas lindas estão acontecendo por todo o País”, diz Adélia, autora do recém-lançado Design + Artesanato: O caminho brasileiro. Para escrevê-lo, ela rodou pelos quatro cantos, reunindo histórias de vida que entrelaçam tradição, inovação e transformação social. “Temos pobreza, sim. Temos carências, muitas. Mas também temos um potencial que está em nossos materiais e na nossa capacidade de transformá-los”, registrou. Perguntada sobre o que mais a encantou em suas andanças, Adélia aponta para a capacidade dos artesãos inovarem dentro da tradição. “Uma coisa que me apavora é condenar a comunidade a fazer sempre igual, quando só o que permanece igual é o que está morto. O artesanato está vivo, em eterna transformação.”

Como você acha que o design brasileiro chega a esta segunda década do século 21? Acredito que estamos vivendo o melhor momento do design brasileiro. Mais do que um florescimento, já há até um certo amadurecimento. Isso também foi propiciado por todas as circunstâncias que estão deixando o Brasil muito bem na fita atualmente. O design é multidisciplinar. Tem muito a ver com a economia, com o desenvolvimento, com as expressões culturais e artísticas do País. As principais revistas especializadas internacionais deram edições temáticas para o Brasil, constantemente há notícias sobre o que produzimos, os nossos designers têm uma grande aceitação. Somos hoje importantes no cenário internacional.

O artesanato traz elementos importantes para esse fortalecimento? Muitos interlocutores internacionais veem no fato de o Brasil ainda ter uma mão de obra ligada ao artesanato o principal diferencial do design brasileiro. Sem dúvida, o artesanato carrega uma série de atributos que influenciam o design nacional. Nesse momento de tecnologia tão exacerbada, o consumidor tem necessidade de coisas que aportem um significado maior, uma consciência maior. O discernimento do consumidor não é mais só pelo fato de o produto ser bonito ou barato. O sujeito também quer saber qual é a história que ele conta, de onde ele vem, o que ele significa. Num ensaio dos anos 1970, o escritor mexicano Octavio Paz escreveu duas coisas muito bonitas sobre isso: que o produto artesanal traz a impressão digital de quem o faz, e que ele celebra a fraternidade original entre os homens. Ele estava certo. O artesanato fala ao coração das pessoas.

Neste momento de desterritorialização dos produtos, os atributos do artesanato ganham força? Sem dúvida. Quase não existe mais empresa nacional. Um tênis dito norte-americano pode ser de uma marca dos Estados Unidos, mas foi desenhado por designers de diferentes cantos do mundo e é produzido em qualquer país que ofereça mão de obra barata. Com isso, produtos com maior valor agregado custam mais. Ao comprar uma toalha de mesa, você pode optar por uma bordada à máquina ou à mão. A bordada à mão vai ser muito mais cara – e também terá pequenas imperfeições e irregularidades. É a beleza da imperfeição, ou a “boniteza torta” de que falava a escritora Cecília Meireles. Para se decidir por ela, você tem que ser informado que a toalha levou dois meses para ser feita, que aquele bordado só existe naquele lugarejo, que é uma tradição de tempos imemoriais. Não se está comprando uma toalha para simplesmente por na mesa. Está se comprando uma história. Fala-se muito sobre línguas que acabam – na hora em que uma língua deixa de ser falada, o mundo fica mais pobre. Na hora em que um determinado tipo de bordado deixar de ser feito, o mundo ficará mais pobre também.

As bancas de revistas estão inundadas de revistas especializadas em artesanato, quase todas muito pouco elaboradas. Essa massificação do

artesanato não joga contra o nosso potencial criativo? Em alguns países há um refinamento das revistas dedicadas ao artesanato. No Brasil, ainda predominam as publicações de trabalhos manuais. Há o que chamamos de Síndrome de Corfix, uma brincadeira com uma marca de tintas para pintar tecido. Para promover as vendas, as fábricas distribuem moldes e modelos para as pessoas, geralmente copiados de trabalhos europeus. É uma invasão de receitas prontas, que não têm nada a ver com a realidade local. Ninguém sabe como desenhar uma bromélia, mas sabe como desenhar uma edelvaís, flor que não existe aqui. Essas empresas fazem promoções: compre três potinhos de tinta e ganhe 20 moldes para você copiar. Resultado: todo mundo passou a fazer a mesma coisa. Havia urso panda em tudo o que era lugar. Gente que nunca tinha visto um morango na vida estava fazendo morango de crochê.

Quando esse quadro começou a mudar? Basicamente, quando as comunidades que produzem artesanato começaram a dialogar com gente que vinha dos grandes centros, interessada na produção local. Foram surgindo projetos que tiveram talvez como maior mérito ajudar essas comunidades a se inserirem em sua própria realidade. Desde então, muita coisa boa foi feita. E também muita coisa ruim. Um cara urbano sensível chega a essas comunidades querendo ouvir, ser um facilitador. Mas a pessoa com pouca sensibilidade chega dono da verdade, para dizer o que está na moda, o que as pessoas devem fazer. Há a postura de diálogo e a postura de monólogo, que muito se assemelha à visão colonialista. Todo o processo de colonização consiste em levar uma suposta verdade para acabar com uma suposta ignorância existente no lugar. Mas, na realidade, é o contrário: altas tecnologias, altos conhecimentos, altas sabedorias surgem do conhecimento das sociedades tradicionais.

O que mais te encantou nas viagens que fez? Uma coisa fascinante é ver como as pessoas estão conseguindo inovar dentro da tradição. Por exemplo, na região Centro-Oeste, com o aproveitamento do couro dos peixes, que era descartado e hoje é usado para fazer flores, colares ou no acabamento de bolsas. São coisas lindas que surgem num país riquíssimo em variedades de peixes, cada um podendo oferecer diferentes texturas. Uma coisa que me apavora é condenar a comunidade a fazer sempre igual, do mesmo jeito. Eu tenho o direito de mudar. Tenho o direito de pensar diferente do que pensava antes. Mas, muitas vezes, se quer que uma pessoa permaneça exatamente igual, quando só o que permanece igual é o que está morto. O artesanato está vivo, em eterna transformação.

Em seu livro, você fala dos bordados do Matizes Dumont, que já foram capa de livros, discos e até do ALMANAQUE BRASIL. É uma iniciativa muito bem sucedida, não? Os bordados do Matizes Dumont me emocionam muito porque têm a ver com a história pessoal dessas

“Encontrei coisas diferentes em todo o País. É bonito ver esse Brasil multifacetado, que surge da diversidade e das riquezas de que dispomos.”

irmãs mineiras. Mas o que acho mais legal é que o grupo já treinou mais de 10 mil mulheres no Brasil – sempre estimulando a criatividade das bordadeiras. É incrível também o que vi na Rocinha, as artesãs fazendo tapetes em que o avesso é tão lindo quanto o direito. É impressionante chegar em uma cidadezinha tão especial como Pão de Açúcar, no interior de Alagoas, fronteira com Sergipe, e encontrar em um povoado rural uma técnica como o Boa Noite, uma mistura de renda e bordado que só existe lá, ninguém sabe o porquê. A 50 quilômetros dali já não existe mais. Uma coisa que também me alegrou muito foi descobrir como as pessoas estão olhando para as matérias-primas locais. A borracha, no Amazonas; as flores do cerrado. Coisas lindas estão acontecendo por todo o País.

O reaproveitamento de materiais é também algo bastante presente?

Uma pesquisa do IBGE apontou que um tipo de artesanato que está crescendo muito é o que se vale de materiais industrializados descartados, o dejetos da sociedade industrial. Por exemplo, as garrafas PET sendo transformadas em coisas incríveis, adornos, decorações urbanas. Ou, como vi em Maria da Fé, interior de Minas, o uso de caixas de papelão de fábricas locais serem transformadas, com água e cola, em outros materiais, que lembram até madeira. É como se o papelão voltasse a ser árvore pelas mãos dos artesãos. Maria da Fé é um lugar em que sempre se plantou muita banana. Quando houve uma crise na produção bananeira, os artesãos começaram a aproveitar a fibra da fruta. Hoje, o dinheiro que se produz com a fibra da bananeira já é maior do que com a comercialização do fruto.

Durante muito tempo se associou o artesanato ao Nordeste. Seu livro prova que ele está vivo e pulsante em todo o País, não? Encontrei coisas diferentes em todo o País. Na Lagoa dos Patos, Rio Grande do Sul, quase fronteira com o Chuí, conheci um trabalho de artesanato diversificado, que tem como motivo a fauna local, bem característica. O que eu acho mais bonito, enfim, é ver esse Brasil multifacetado, que surge da diversidade e das riquezas de que dispomos. O que toca é a conciliação das pessoas com seus próprios lugares, é ver uma foto como a da abertura do último capítulo do livro, que mostra uma mulher trabalhando com o sobrinho pequeno ao lado. Há uma total harmonia entre ela, o menino e o local onde estão, um ateliê no meio do mato. Se essa mulher estivesse em São Paulo, provavelmente trabalharia como empregada doméstica, ia passar duas horas para chegar em casa depois do trabalho, não ia ver os filhos, o sobrinho, teria uma história de ruptura com sua família, sua vida, sua cultura.

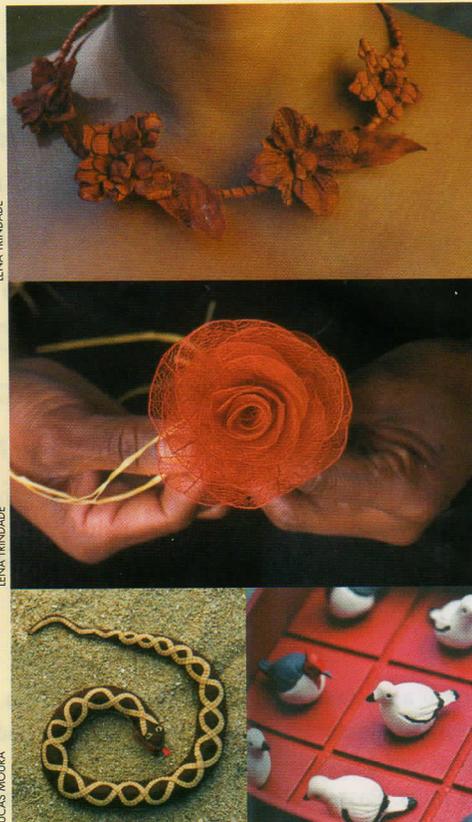
Os números do mercado do artesanato são bastante imprecisos, mas é possível ter uma ideia do que ele representa para a economia brasileira? É difícil ter precisão nesses números porque a produção está pulverizada e não há órgão federal que se dedique exclusivamente a esse mercado. É um mercado informal, muitas vezes com produção feita em casa, entre o plantio e a colheita, entre arrumar a casa e começar a cozinhar. Só no ano passado o IBGE incluiu o artesanato no código de ocupações, o que não significa ainda que o considere uma profissão. No entanto, há estimativas. Em 2000, falava-se que havia 8,5 milhões de artesãos no Brasil. Então, Tânia Machado, da Associação Brasileira de Exportação de Artesanato, fez uma conta simples: se cada artesão atingir uma média de um salário mínimo por mês com esse trabalho, dá uma cifra de 55 bilhões de reais por ano. Nesse raciocínio, o artesanato estaria entre os cinco primeiros contribuintes do PIB brasileiro. Mas,

por ser uma economia pulverizada, ativada por pequenos produtores, ele não tem o poder de fogo de competir com setores concentrados nas mãos de grandes multinacionais.

Os impactos negativos do artesanato também são muito baixos, não? Uma pesquisa feita pela Unctad, organismo das Nações Unidas para o comércio e o desenvolvimento, diz que o custo por emprego gerado no setor petroquímico é de 220 mil dólares. No setor automobilístico, cada emprego custa 91 mil dólares. No artesanato, cada ocupação custa 75 dólares. É incomparável. Mesmo assim, a Lala Deheinzelin, que é uma consultora de economia criativa, fala que temos que criar novas formas de mensurar as coisas. Como deixar de lado na conta do artesanato o capital social, o capital cultural, o capital ambiental, via de regra, o artesanato faz muito proveito de matérias-primas locais ou recicladas. O que não é o caso de outros grandes geradores de riqueza. Quanto ao capital social, quando as pessoas começam a produzir artesanato, começam

a se juntar, se articular, tornam-se mais capazes de construir bens comuns que servem a toda a comunidade.

Pode-se dizer que, por toda a nossa diversidade cultural e capacidade criativa, além dos benefícios de várias ordens que traz, o artesanato brasileiro representa um grande potencial a explorar? Sim. Ou exploramos esse potencial – usando a palavra no bom sentido, que é explorar sem esgotar – ou vamos perder uma grande oportunidade. E no plano pessoal, é preciso que os consumidores percebam o valor dos produtos artesanais, que na hora de comprar é preciso levar em conta outras coisas que não só o preço, que esse produto é importante para o desenvolvimento sustentável do País. Enfim, pode-se dizer que não é um potencial no sentido de algo que precisa ser plantado. Ele já está aí, maduro. Falta apenas colhê-lo.



LENA TRINDADE

LENA TRINDADE

LUCAS MOURA